



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Departamento de Educação

Curso de Pedagogia

Tielem Feliciano Duarte de Mello

Cultura de Pares na Educação da Infância: primeiras investigações.

São Gonçalo

2010

Tielem Feliciano Duarte de Mello

Cultura de Pares na Educação da Infância: primeiras investigações.

Monografia apresentada, como requisito parcial para a obtenção de graduação em licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Educação, da Faculdade de Formação de Professores da UERJ.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Tereza Goudard Tavares

São Gonçalo

2010

Tielem Feliciano Duarte de Mello

Cultura de Pares na Educação da Infância: primeiras investigações.

Monografia apresentada, como requisito parcial para a obtenção de graduação em licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Educação, da Faculdade de Formação de Professores da UERJ.

Aprovado em _____

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Maria Tereza Goudard Tavares (Orientadora)
Departamento de Educação da UERJ/FFP

Prof^a Dr^a Márcia Soares de Alvarenga
Departamento de Educação da UERJ/FFP

São Gonçalo
2010

DEDICATÓRIA

Á Deus por me dar Ânimo todos os dias e motivos para seguir sempre em frente. E os meus pais Onésima e Feliciano pelo imenso amor, apoio e educação que sempre me ofereceram.

AGRADECIMENTOS

A Deus meu companheiro que me concedeu o Dom da vida, e que sempre estende a mão para e que eu não caminhe sozinha.

A minha amada família por estarem sempre ao meu lado.e terem depositado credibilidade em mim.

A minha prof^a e orientadora Maria Tereza por me ensinar e me incentivar nesta monografia.

As minhas amigas de todas as horas e amigos da faculdade pelos ótimos períodos que passamos, que aprendemos juntos, que choramos e rimos nos momentos de desencantos, assim como nas alegrias compartilhadas e nas palavras de estímulos.

A FFP, aos professores e seus funcionários que diretamente ou indiretamente contribuíram para a minha formação.

A UMEI Arca de Noé, que aprendi muito em todos os encontros.

Ao Ariel por ter compreendido os momentos necessários de ausência e a todos os meus amigos que na prática fizeram-me acreditar no valor da amizade verdadeira e como ela e indispensável as nossas vidas.

Agradeço em fim a todos, vocês estarão sempre presentes no meu coração.

Escola é o lugar onde se faz amigos, não se trata só de prédios, salas, quadros, programas, horários e conceitos... Escola é, sobretudo, gente. Gente que trabalha, que estuda que se alegra, se conhece e se estima. E a escola será cada vez melhor na medida em que cada um se comporte como colega, amigo, irmão. Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar, é também criar laços de amizade, é criar ambiente de camaradagem, é conviver, é se amarrar nela!

Paulo Freire

RESUMO

A presente monografia tem por objetivo apresentar um estudo preliminar sobre a Sociologia da infância(CORSARO, 2003) partindo desde o surgimento da infância, visto que até o século XVII não havia um “mundo” diferenciado para as crianças, sendo que as mesmas simplesmente conviviam igualmente junto aos adultos, até a atualidade, assinalando algumas conquistas no campo educacional e social, apontando a criança como um sujeito histórico-cultural possuidor de direitos e co-produtor do conhecimento. O presente trabalho buscou também, reconhecer o papel da Escola de Educação Infantil na formação de crianças críticas de seu mundo. Aprendi, especialmente no trabalho de campo , a incentivar a criação de laços afetivos desde a Educação Infantil, compreendendo através do trabalho teórico-prático realizado a partir de uma pesquisa na Escola Municipal de São Gonçalo, Arca de Noé, como o incentivo *a cultura de pares* pode ser uma excelente ferramenta ao processo de ensino/aprendizagem. Na monografia procuramos abordar também, de que forma a escola destes *pequenos* deverá oferecer múltiplos saberes, sendo constituída de espaços adequados, professores motivados e comprometidos com a educação da infância, tendo em vista uma educação compromissada em oferecer e exercitar aprendizagens sociais e culturais . A monografia em questão contribuiu para reforçar as idéias de Corsaro (2003), sobretudo sobre o reconhecimento das crianças como *atores sociais plenos*. *Este reconhecimento* teórico-prático é fundamental para o processo de socialização da criança e para a sua cidadania cultural e social.

Palavras-chaves: Cultura de Pares. Sociologia da Infância. Educação Infantil.

ABSTRACT

The present monography has for objective to present a preliminary study on the Childhood Sociology (CORSARO, 2003) being left since the sprouting of childhood, since XVII century it did not have a different "world" for the children, being that the same ones simply coexisted equally next to the adults, until the present time, designating some conquests in the educational and social field, pointing the child as a possessing description-cultural citizen of rights and co-producer of the knowledge. The present work also aimed to recognize the paper of the School of Infantile Education in the formation of critical children of its world. I learned, especially in the field work, to stimulate the creation of affective bows since the Infantile Education, understanding through the carried through theoretician-practical work from a research in the São Gonçalo Municipal School , Arca de Noé, as the incentive *culture of pairs* can be an excellent tool to the education process/learning. In the monography we look also for this approach that it forms the school of these small ones will have to offer multiple knowledge to know, being constituted of adjusted spaces, motivated and compromised professors to the education of childhood, in view of an compromised education in offering and exercising social and cultural learnings. The monograph in question contributed to strengthen the ideas of Corsaro (2003), over all on the recognition of the children as full social actors. This theoretician-practical recognition is basic for the process of socialization of the child and for its cultural and social citizenship.

Word-keys: Culture of Pairs. Childhood Sociology . Infantile education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I - BREVE HISTÓRIA DA INFÂNCIA NO OCIDENTE.....	12
1.1- A Infância no Brasil – A luta pela cidadania das crianças.....	14
1.2- A Escola da Educação Infantil e a cidadania da Infância.....	17
CAPÍTULO II – A ENTRADA NO CAMPO – CONSTRUINDO UMA RELAÇÃO DE PESQUISA.....	20
2.1 – Apresentando a escola como um espaço de múltiplos saberes.....	23
2.2 – A Entrada no campo: construindo relações éticas com as crianças....	27
2.3 – A importância do professor como mediador para o desenvolvimento da criança na Educação Infantil individualmente e com seus pares.....	30
2.4 – A crianças como sujeito de pesquisa.....	34
CAPÍTULO III – O AMBIENTE GENEROSO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONTRIBUIÇÕES DA CULTURA DE PARES.....	38
CONCLUSÕES PROVISÓRIAS E ALGUMAS PALAVRAS FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	46

INTRODUÇÃO

A presente monografia de conclusão de final de curso de Pedagogia plena pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro é fruto de meus interesses como futura professora da infância, profundamente implicada com a melhora das relações pessoais e sociais no cotidiano escolar e a escolha do tema, *Cultura de Pares*, surgiu por entender que as relações de amizade desenvolvidas na escola entre as crianças permitem induzi-los a alguns comportamentos que podem influenciá-los em suas condutas escolares, seja elas positivas, como por exemplo a motivação pelos estudos e pela ida a escola ou negativas, como por exemplo o sentimento de rejeição pelo grupo e o desinteresse por assuntos escolares.

Este tema foi motivado pela minha própria experiência escolar e acadêmica que ao longo dos anos ocupando os bancos escolares pude perceber a sua importância no processo de ensino/aprendizagem e busquei ajuda dos autores Willian Corsaro, Florestan Fernandes, Phiffippe Áries e Georges Snyders para melhor compreensão das relações das crianças entre elas mesmas e com os demais sujeitos escolares a partir do que Corsaro (2003) denomina *Cultura de Pares*.

Entendo que a questão de socialização da infância aparece englobando as relações de povos, valorizando a visão de que as crianças também produzem cultura com seus grupos (de pares), sendo participantes ativos de sua socialização e capazes de desenvolverem interações com sentido e significado e não meros “recipientes” no qual recebem tudo pronto dos adultos.

A partir de minhas leituras no curso de Pedagogia, compreendi que as crianças são atores sociais e como tais merecem serem levadas a sério, elas criam regras e compartilham com as outras crianças sem a intervenção dos adultos, por este fato que é tão fundamental estudar os pontos de vista da criança, sua forma de organização e do seu grupo social, especialmente no ambiente escolar, espaço e tempo no qual as crianças permanecem uma boa parte do seu dia e as vezes é nesse ambiente o seu único meio de contato com outros sujeitos da mesma idade.

Mesmo compreendendo que as *Culturas de Pares* podem surgir na vizinhança e na família, entendemos que na maioria das vezes ela é constituída na escola e que apesar das crianças estarem convivendo com diferentes credos, sexos e etnias, elas conseguem estabelecer formas para que estas relações sejam

fortificadas e que seus diferentes grupos sejam formados através de afinidades e possibilidades de socialização.

Desta forma, a minha monografia foi organizada da seguinte forma: No primeiro capítulo procurei sintetizar o surgimento da infância e como ela foi aparecendo ao longo do tempo até chegar a contemporaneidade.

Buscamos apresentar o contexto teórico no campo da sociologia da infância, dialogando com os autores já citados que abrangem o tema, possibilitando possuir bases para melhor abordá-los, junto com trabalho de campo desenvolvido sob a forma de uma pesquisa etnográfica na Escola Municipal Arca de Noé. Meus caminhos e progressos foram relatados no segundo capítulo, bem como as reflexões e a experiência de poder “ ver de dentro” o mundo das crianças e suas relações com o conhecimento.

E no terceiro capítulo, busquei apresentar a importância de criar ambientes para o desenvolvimento da cultura de pares na escola provocando um aprofundamento da discussão e corroborando com Bufalo (1997) quando ele afirma que “ aquele que tem o papel de ensinar, acaba também por aprender” e Paulo Freire(2004), que nos mostra que “ensinar inexiste sem aprender e vice-versa”.

E para as considerações finais proponho então algumas contribuições para estabelecer os laços de amizade já na Educação Infantil, através de um currículo baseado por projetos, construindo um aprendizado regado de afeto.

Capítulo 1: Breve história da infância no Ocidente

“A idéia da infância não existiu sempre da mesma maneira. Ao contrário, ela aparece com a sociedade capitalista, urbano-industrial, na medida em que mudam a inserção e o papel social da criança na comunidade. Se, na sociedade feudal, a criança exercia um papel produtivo, assim que ultrapassava o período de alta mortalidade, na sociedade burguesa ela passa a ser alguém que precisa ser cuidada, escolarizada e preparada para uma atuação futura. Esse conceito de infância é, pois, determinado historicamente pela modificação nas formas de organização da sociedade.” (Kramer, 1992 p.19)

Dialogando com a citação acima, podemos perceber que a concepção de infância é construída historicamente e transforma-se conforme o tempo, o espaço e as transformações sociais e culturais vividas pelas diferentes sociedades.

Segundo Áries(1981), famoso historiador Francês, na sociedade medieval o sentimento da infância não existia, e esta fase da vida da criança não despertava interesse para os demais adultos de modo geral. Os cuidados eram dados até o ponto da criança ter condições de fazer a atividade sozinha e inserir-se no cotidiano adulto. Estes cuidados eram feitos por suas mães ou amas e a demonstração de afeto eram bem sutis. Eram altas as taxas de mortalidade infantil e a sociedade considerava este fenômeno como natural. Quando às crianças sobreviviam a este “teste” elas se vestiam e participavam de atividades iguais aos adultos (trabalho, jogos, festas, enforcamentos públicos...), ou seja, segundo Áries, a criança tornava-se a “companheira natural do adulto”.

Neste período, não havia interesse em separar o “mundo das crianças” do “mundo dos adultos”. Elas compartilhavam a mesma linguagem que os adultos e estes por sua vez, não se importavam em comentar sobre assuntos diversos, entre eles, assuntos sexuais na presença das crianças, por exemplo. A educação era aprendida na prática com as crianças ajudando e se misturando aos adultos nas atividades diárias .

Até o século XVII, no ocidente, não havia uma atenção voltada para as crianças que conviviam igualmente com os adultos, mas a partir deste século (XVII) surge uma outra forma de pensar a criança e a infância, não mais como um “adulto

em miniatura”, “adultos imperfeitos” ou “fardos sujos do pecado original”, começando a aparecer as primeiras preocupações em relação à educação para os “pequeninos”. Percebia-se então, que as crianças precisavam de atenção e cuidado, sendo construído socialmente um novo sentimento: o sentimento de infância.

Os pais que antes exerciam uma postura apática para a criação dos filhos passam-se a interessar-se pelos seus estudos e dedicar-lhes importância. Brota também um sentimento antes desconhecido: a dor pela morte dos filhos, considerando como único e não mais como substituível pelo nascimento de outra criança.

A família também passa neste período por modificações já que se torna um espaço de amabilidades entre pais e filhos e entre os cônjuges. E a criança que antes era sem importância, passa ser o centro da família, sendo assim valorizada, abrindo espaço para a educação das crianças nas escolas, e não mais mantendo-as fortemente relacionadas aos adultos e ao seus mundos.

Através do colégio, começa a separação das crianças na sociedade adulta, porém, a principio ainda não havia a divisão por idades, ou seja, as diferentes idades se misturavam nas salas “*pois o que importava era a matéria ensinada, qualquer que fosse a idade dos alunos*” (Áries, 1981, p.166).

Com relação à educação da infância No século XVIII, podemos destacar o educador alemão Friedrich Fröbel (*apud* Colin 2004) que criou o primeiro jardim de infância, chamado *Kindergarten* na Alemanha e tinha como idéia de que as crianças eram “pequenas plantas” criadas em um jardim que exigia cuidados para crescerem saudáveis, sobre a vigilância do professor . Este autor, considerava a infância muito importante para a formação das pessoas e de uma sociedade mais democrática.

Antes de Fröbel, John Locke (*apud* Colin, 2004) transmitia a idéia de que a mente da criança era uma tábula rasa , na qual poderia inscrever o que quisesse e cabia ao professor preencher-la e fornecer conhecimento e vivências, pois a criança não nascia nem boa nem má. Neste período era muito forte as concepções românticas que apresentavam à criança como criatura abençoada por Deus e que necessitava de condições favoráveis para seu desenvolvimento. Esta concepção possuía maior aceitação na classe media, onde o interesse pela educação era mais desenvolvido.

Podemos citar também, Jean Jacques Rousseau (*apud* Santos, 2008) que não compreendia a criança como um “mini-adulto”, afirmando que a infância possui diferentes maneiras de pensar, sentir, ver e raciocinar que lhe são próprias e que as crianças devem ser respeitadas em seu mundo. Para este autor, a educação infantil não deve, apenas reproduzir atividades, mas fazer as crianças pensarem e afastá-las dos males sociais, educando-as baseadas em suas motivações naturais e na crença da bondade natural do homem. Com a obra “Emilio”,(1762) Rousseau sistematizou sua visão de infância, e com este livro, critica a educação eletista e a educação que era basicamente a repetição e memorização de conteúdos divulgando que o aluno seria conduzido para o próprio interesse no seu aprendizado. Para Rousseau, a educação deveria se preocupar com o desenvolvimento moral e político da criança.

Com esta obra, Rousseau abalou a estrutura educacional vigente, apresentando uma educação diferente existente em sua época, pois a infância não era respeitada. Por isso foi muito contestado, especialmente por defender a valorização da infância, trazendo um novo paradigma para a educação infantil em seu tempo. “Emilio” foi uma obra inovadora, demonstrando uma educação com carinho e não com a repressão e o conservadorismo, que era comum naquela época.

Suas idéias assemelham-se às concepções contemporâneas e suas contribuições para a educação infantil permanecem vivas até hoje.

1.1: A infância no Brasil – A luta pela cidadania das crianças

“O momento histórico científico em que vivemos causa muitos embaraços aos professores, intelectuais e pesquisadores que têm na educação infantil não apenas um campo de estudos e investigação, mas também um compromisso com a melhoria da realidade social e educacional” (Barbosa, 2006)

No Brasil, segundo Fonte (2005), a história da infância se embaraça com a história do preconceito, da exploração, da diferença entre as classes sociais, com a desigualdade e dominação, história esta que nos seguem desde a Colônia até os dias de hoje.

Após várias lutas no decorrer da história, a educação das crianças de 0 a 6 anos, passou a ter mais investimentos e direitos a partir da década de 70, aparecendo também na década de 80 um quantitativo maior de autores nacionais que buscaram investigar e compreender a educação infantil, apontando à necessidade de se possuir políticas públicas que atendessem as crianças nesta faixa etária. Na década de 90, os estudos sobre esta etapa na vida da criança ampliaram-se, sobretudo, pelo papel ativo dos movimentos sociais e do movimento feminista.

Para corroborar esta afirmativa acima, podemos citar a Constituição Brasileira de 1988, que considera as crianças como sujeitos de direitos, incluindo os direitos da criança à educação em creches e pré-escolas de forma explícita, como nos mostra o art 208, inciso IV “*educação infantil, em creche e pré-escola, às crianças até 5 (cinco) anos de idade*”.

Para reforçar a Constituição, em 1990, surge o Estatuto da Criança do e Adolescente (ECA), que também insere as crianças como sujeitos de direitos, reconhecendo e valorizando a infância por parte das políticas públicas, buscando promover os direitos da criança e do jovem em nossa sociedade com responsabilização penal para todos aqueles que omitirem e/ou infringirem os direitos da criança. Como nos mostra Nunes:

“O reconhecimento da criança como um sujeito de direitos é uma conquista dos movimentos sociais que lutaram pelo Estatuto. Este reconhecimento implica a necessidade de formação continuada e de capacitação de agentes institucionais, educadores, conselheiros e o reordenamento nas políticas de administração (...)”
(Nunes, 2005. p.90)

Contamos também com a Lei de Diretrizes e Bases, nº 9394/96 (LDB) que reafirma sua educação para as crianças na Educação Infantil, a primeira etapa da educação básica, e que é dever do Estado promover gratuitamente este ensino, como podemos observar no art 3º inciso VI – “*gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais*” e no art 4º inciso IV “*atendimento gratuito em creches e pré-escolas às crianças de zero a seis anos de idade*”. A LDB torna-se década de 90, um importante instrumento legal para a formação e a ampliação da Educação Infantil no país.

Vários autores concordam que na Educação Infantil, as crianças já são capazes de produzirem saberes no convívio coletivo. Isto significa “*negar o conceito de criança como receptáculo passivo das doutrinas dos adultos*”. (Delgado & Muller *apud* James & Prout, 2005) e aceitá-las como sujeitos capazes de pensar o mundo de um jeito muito próprio.

Porém, apesar de existir no país, políticas públicas associadas no campo educativo (LDB, ECA,...) que estimulam a cidadania das crianças, nem sempre esta concepção é vivida atualmente por todas elas. Damos como exemplo, o pelo fato das Leis não estarem sendo cumpridas, o que permite que muitas delas vivam cercadas de medo, discriminação, descaso e abandono. Esta situação de abandono vai contra a constituição que busca colocá-las a salvo de toda forma de negligência e opressão como indica o artigo 227 desta lei:

“É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão”.

Outro exemplo de abandono a que estão submetidas às crianças pode ser observado pelos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2006 do IBGE que apontam que menos de 16% das crianças de 0 a 3 anos freqüentam a creche e 67% das crianças de 4 a 6 anos freqüentam a pré-escola no país.

Podemos observar, portanto, diferentes modos de se pensar a infância, pois, infelizmente, não são todas as crianças que freqüentam a Educação Infantil, observamos que, apesar de ser garantida por lei, muitas não estão no espaço escolar, estão nas ruas, sendo exploradas, trabalhando, se prostituindo, sofrendo violências diversas. Scliar, retrata bem o que quero dizer:

“Nem todas as crianças, contudo, podem viver no país da infância. Existem aquelas que, nascidas e criadas nos cinturões de miséria que hoje rodeiam as grandes cidades, descobrem muito cedo que seu chão é o asfalto hostil, onde são caçadas pelos automóveis e onde se iniciam na rotina da criminalidade. Para estas crianças, a infância é um lugar místico, que podem apenas imaginar, quando olham as vitrines

das lojas de brinquedos, quando vêem TV ou quando olham passar, nos carros dos pais, garotos da classe média. Quando pedem num tom súplice- tem um trocadinho aí, tio? – não é só dinheiro que querem; é uma oportunidade para visitar, por momentos que seja, o país que sonham.” (Scliar, 1995 p.4)

Percebemos portanto, que há várias concepções de infância no Brasil. Concepções que se transformam conforme os diferentes contextos sociais e econômicos das regiões brasileiras. Nesta monografia porém, o meu olhar foi direcionado para o espaço escolar da educação infantil, onde buscamos observar a socialização das crianças com seus pares em uma Unidade Municipal de Educação Infantil (UMEI), em São Gonçalo, uma cidade da região metropolitana do Leste Fluminense .

1.2: A Escola da Educação Infantil e a cidadania da Infância

“Não podemos esquecer que, ao longo da história, as instituições compreendidas como creche desempenharam papéis de assistência nutricional e de saúde para as crianças das classes populares. Quase sempre, as instituições ficaram restritas às ações voltadas para o disfarce à pobreza econômico-social” (KUHLMANN JR, 1998 *apud* VASCONCELOS, 2005 p. 123)

A Educação Infantil na atualidade, já não pode mais ser vista como um local de “depósito” de crianças e de profissionais mal preparados, que auxiliam às mães que trabalham fora. Ela é muito mais que este espaço de assistencialismo, visto que esta concepção pouco contribui para o desenvolvimento da criança. A Escola de Educação Infantil é um espaço onde ocorre o início da escolarização da criança. Portanto, a Educação Infantil é de suma importância para a formação da criança como cidadã e como sujeito do conhecimento. Pois segundo vários estudos, quanto mais cedo a criança começar a frequentar o espaço escolar, maior a chance de que tenha um bom futuro, inclusive no aspecto financeiro.

É no espaço da Educação Infantil que as crianças começaram a se conhecer melhor e conhecer o outro, aprender a se respeitar e respeitar o outro, a buscar conhecimento, desenvolver habilidades diversas, valores, potencialidades e estabilidade emocional. Deste modo,

“ (...) as instituições possam oferecer condições para que as crianças aprendam a conviver, a ser e a estar com os outros e consigo mesmas em uma atitude básica de aceitação, de respeito e de confiança.” (Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil, 1998. p.47)

Por se tratar do primeiro segmento da educação básica, esta modalidade de ensino deve ter como uma das finalidades o desenvolvimento físico, psicológico, intelectual e social da criança, construindo um ambiente enriquecedor que favoreça o descobrir, o aprender, o brincar. Favorecendo também a inserção social, pois é nesta fase que as crianças realizam suas primeiras descobertas; descobertas estas, que as seguem por toda vida.

Neste momento também, ela começa a apropriar-se dos números, das diferentes linguagens, das primeiras noções de ciências e do gosto pela leitura, por isso cabe ao educador estimular e despertar a curiosidade, fazendo-se necessário uma educação com qualidade.

É válido ressaltar que a educação infantil não é uma forma de substituição da família,(pois a vida familiar é de vital importância) mas é uma complementação desta socialização, sendo que escola e família, devem oferecer juntas o que a criança necessita para o seu desenvolvimento pleno. Portanto, ambos são espaços educativos, paralelos e complementares.

Um fator importante é construir na escola de Educação Infantil, uma atmosfera acolhedora em que os educandos sejam tratados igualmente, sem nenhuma forma de preconceito, discriminação racial, econômica ou religiosa.

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998), a instituição escolar deve ser acessível a todas as crianças que a cursam , cumprindo um papel socializador, “ *propiciando o desenvolvimento da identidade das crianças, por meio de aprendizagens diversificadas, realizadas em situações de interação*”(p.23). Proporcionando respeito e confiança sem esquecer que as crianças são diferentes entre si e possuidoras de direitos legítimos e intransferíveis.

Isso nos leva a concluir, que os três níveis de governo (Municipal, Estadual e Federal), e a sociedade em geral, devem tratar bem às crianças, tratando-as como cidadãos em desenvolvimento. É fundamental lembrarmos das Leis criadas para assegurar os direitos infantis. Especialmente porque encontramos um enorme abismo entre a teoria e a prática com relação às políticas para a infância no país.

Neste contexto,

“podemos encontrar uma educação infantil de qualidade, em espaços organizados, com propostas adequadas à realidade social, com uma gestão democrática do equipamento, convivendo com outra, realizada em espaços improvisados, sem recursos pedagógicos, sem pessoal qualificado, com uma gestão baseada em resquícios de uma cultura autoritária, com base na benesse e no favor” (Nunes,2005.p.96)

Atualmente esta havendo gradualmente um avanço para a questão da Educação Infantil no país, como por exemplo a entrada desde segmento de ensino no Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB) que substituiu o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (FUNDEF) que apenas contemplava o ensino fundamental, porém com o FUNDEB todo o ensino básico passa a receber os recursos do fundo, são estes: creche, educação infantil, ensino fundamental e médio, educação especial e educação de jovens e adultos.

A cerca da educação infantil, fica a cargo dos Municípios receberem os recursos do Fundo que este por sua vez os distribui com base nos dados do último Censo Escolar.

Precisamos então refletir que se investimos na educação infantil não beneficiaria apenas o futuro da criança, mas a sociedade como um todo, pois a criança terá uma maior facilidade no aprendizado na escola, no exercício de uma profissão e no afastamento do abandono e da violência do mundo da rua.

Capítulo 2: A Entrada no CAMPO- Construindo uma Relação de Pesquisa.

“Estou convicto de que as crianças têm suas próprias culturas e sempre quis participar delas e documentá-las. Para tanto, precisava entrar na vida cotidiana das crianças –ser uma delas tanto quando podia.” (Corsaro,2003. p.446)

A concordância com a fala de Willian Corsaro,(2003) especialmente pela suas relações com às crianças, foram fatores motivadores para que eu escrever-se sobre o tema da cultura de pares na escola, aceitando o desafio de tentar compreender o mundo infantil com as suas próprias singularidades.

Quando comecei minha pesquisa de caráter etnográfico sobre a interação que as crianças estabelecem com as outras crianças e com os adultos inclusive comigo, busquei dar significado e entender suas experiências sociais na observação participante na Escola Municipal Arca de Noé, por acreditar ser um espaço de construção coletiva, visto que o ambiente escolar desempenha um papel fundamental no processo de socialização da criança. Na escola, já estava ocorrendo um projeto de pesquisa de um grupo da minha própria Universidade, intitulado “Os pequenos e seus direitos” que tinha como objetivo central aprofundar uma discussão com os professores, alunos e todos os envolvidos na instituição com vistas à questão do direito à cidade. O projeto “por que o local? Um estudo sobre a alfabetização Patrimonial e a formação de professores de Educação Infantil”, pretendia entre seus objetivos, conhecer o local espaço social/cultural mais amplo onde estão inseridos como exemplo: a sua rua, o seu bairro, a sua escola etc.

O projeto fundamentado em FREIRE, defende que a leitura de mundo precede e antecede a leitura da palavra. E que a criança muito antes de ler o texto escrito já lê o seu entorno, as diferentes tramas significativas que as cerca, o seu espaço social mais abrangente. Dessa forma, a pesquisa intenciona através de um contato sistemático com a escola de educação infantil, fazendo com que as crianças possam conhecer seus direitos, principalmente, como coloca SARMENTO(2003), os direitos de proteção, direitos de provisão e direitos de participação.

Estes direitos consistem em:

Direitos de proteção: ao nome; a identidade; do pertencimento a uma nacionalidade; a família; contra a discriminação, maus –tratos e a violência e outros;

Direitos de provisão: de alimentação; habitação; saúde; assistência; educação; à cultura; à cidade; e outros;

Direitos de participação: na decisão relativa à própria vida; na organização das instituições em que atua, nas decisões escolares etc.

O projeto já era desenvolvido dentro da escola, desde o ano passado e as estudantes-pesquisadoras, juntamente com a professora coordenadora da pesquisa, trabalhavam a questão dos direitos da criança, e a cada encontro quinzenal, um direito era discutido com as crianças através de uma “Pedagogia de projetos” O grupo por sua vez tentava associar este direito ao tema que a escola estava desenvolvendo naquele momento, como por exemplo, se a escola estava trabalhando uma data comemorativa “o dia do índio”, então o projeto buscava introduzir após uma reunião coletiva, a discussão sobre o assunto visando inserir a questão dos direitos em consonância com o dia do índio, que poderia ser uma história para associar a data comemorativa com o projeto, buscando relacioná-los aos direitos da cidade para vincular o aprendizado escolar aos interesses dos alunos.

No final do ano passado, quando comecei a participar das reuniões para o planejamento e avaliação do projeto de pesquisa¹, esta ganhou uma nova dimensão, apesar de continuar fazendo uma ponte com as atividades realizadas na escola (Arca de Noé). Porém, a ênfase da pesquisa procurou enquadrar mais a questão do meio ambiente, visto que a instituição começou a trabalhar por projeto, ocorrendo mudanças na proposta educacional, pois antes a escola tinha como base na sua estrutura curricular, as efemérides e as datas cívicas.

Portanto, o ato de educar não se resume apenas ensinar os conhecimentos científicos, vai além disto, não sendo menos importante o ato de contribuir para a formação crianças críticas e socializadas, plenamente integradas ao espaço em que estão inseridas.

¹ Vale ressaltar que este projeto foi o meu link para a entrada na escola, já que minha orientadora a professora doutora Maria Tereza Goudard Tavares é a coordenadora da pesquisa.

A escolha ao trabalhar por projetos foi uma grande importância para as crianças e para o planejamento escolar de modo geral, visto que possibilitaram à professora da infância, ir além dos limites curriculares e explorar temas que vão de encontro aos interesses e realidade dos “pequeninos”, além de considerar as expectativas, necessidades e potencialidades dos mesmos, desenvolvendo desde cedo a oportunidade de trabalhar em equipe, visto que o aprendizado é muito mais fácil e prazeroso quando a atividade tem como base os interesses comuns, das crianças e do planejamento escolar de forma ampliada.

As crianças nesta perspectiva possuem maior estímulo para o seu aprendizado e participam mais ativamente de sua construção pela busca do conhecimento, ampliando uma relação de troca entre seus pares e entre a professora que pode atuar como mediadora, parceira, orientadora e também como pesquisadora ao assunto abordado, promovendo uma aprendizagem na qual se torna um desafio coletivo, progredindo na busca da autonomia e da cooperação para com seus grupos de pares.

Com o projeto às crianças possuem a liberdade da escolha do que aprender e integrando os dois grupos antes distintos: professores que devem ensinar e alunos que devem aprender, possibilitando que crianças e professores se “ensinem” reciprocamente.

Este projeto inicial trabalhado na escola foi sobre o meio ambiente e os seus quatro elementos: terra, água, fogo e ar. Portanto este ano o grupo acabou ampliando a discussão dos direitos, pois o fato das crianças terem a oportunidade na escola de trabalharem por projetos as tornam mais participativas e cidadãs, que é o objetivo perseguido pela pesquisa, formando alunos conhecedores de seus direitos e capazes de cooperar entre si, capazes de ouvir várias idéias que os levem a melhor solução de uma questão que possa surgir, integrando as duas perspectivas: a nossa é a deles (escola) que é sobre o meio ambiente.

Com esta mudança de foco, houve uma maior aproximação com a instituição, e hoje posso até afirmar que a escola está ciente do que queremos como a nossa pesquisa, tanto de uma visão grupal, tanto individual, buscando visar o foco monográfico de cada integrante do grupo de pesquisa, no meu caso: a cultura de pares, isto é o modo pelo qual as crianças organizam os seus grupos e constroem suas relações de amizade.

Talvez esta pouca mudança de foco tenha sido necessária, tanto que para o segundo semestre haverá uma nova vertente, pois as atividades programadas não serão mais com os educandos, mas sim com as professoras, para resgatar a escola com lugar de direito, os auxiliando a formarem crianças criativas, críticas, democráticas e mais preparadas a buscarem soluções para a realidade que estão inseridas e também conhecedoras de seus direitos e deveres.

2.1: Apresentando a escola como um espaço de múltiplos saberes.

E por falar da instituição que é municipal, como já foi citada anteriormente, ela se localiza no município de São Gonçalo, município este que possui 889.828 habitantes é e o terceiro município mais populoso do Estado possuindo uma extensão territorial de 251,3 Km, tendo cinco distritos.

O município possui 6 creches e mais 36 creches comunitárias. A secretaria municipal oferece também a educação infantil em 57 escolas, porém a oferta não atende a demanda da população em idade pré-escolar . A escola Arca de Noé esta situada na Rua Rodrigues da Fonseca, nº 315, no bairro do Camarão. Ela foi inaugurada em 1988, pelo Major Forbem Eliason e o terreno pertence à Igreja Exército da Salvação. Tem a sua estrutura arquitetônica parecida com a de uma casa, logo percebemos que não foi construída para ser uma escola. Sua organização espacial conta com 10 dependências:

- ✓ 2 salas;
- ✓ 2 banheiros (usados tanto por crianças, quanto por adultos);
- ✓ 1 pátio;
- ✓ 1 secretária;
- ✓ 1 depósito de merenda;
- ✓ 1 cozinha;
- ✓ 1 copa.
- ✓ 1 parquinho.

Os recursos que a escola possui são:

- ✓ 1 computador
- ✓ 1 vídeo
- ✓ 1 DVD
- ✓ 1 televisão

E o quadro de funcionários que a escola contém são ao todo 17 pessoas que se dividem assim:

- ✓ 1 diretora;
- ✓ 1 coordenadora pedagógica;
- ✓ 1 orientadora educacional;
- ✓ 6 professoras;
- ✓ 2 inspetoras;
- ✓ 1 auxiliar de secretaria;
- ✓ 4 merendeiras;
- ✓ 1 faxineira.

Com estes dados podemos observar a deficiência no quadro de funcionários, visto que a escola não conta com auxiliares e nem um profissional de educação física para propor aos alunos atividades que estimulem o campo motor, cognitivo e afetivo-social, promovendo experiências corporais, já que o movimento corporal é uma atividade muito importante. Desta forma é crucial que as crianças brinquem com corpo e com os movimentos como nos afirma Bononino:

“A Educação Física confere um importante papel no processo de educação global, não devendo ser vista como algo complementar mas como uma real contribuição no processo de crescimento e desenvolvimento de todas as pessoas” (Bononino, 1931, p.77)

Portanto, a aula de Educação Física poderia auxiliar o desenvolvimento da criança, ampliando as noções de espaço, tempo e lateralidade, por exemplo, noções estas, que, infelizmente, a escola não consegue desenvolver de forma sistemática, por falta de um professor/a com formação adequada neste campo do conhecimento/desenvolvimento infantil. Nesta perspectiva, para que o desenvolvimento da criança seja mais completo, temos que levar em consideração a

reutilização do seu espaço multifuncional, isto é, do pátio, visto a ausência de um espaço específico para uma maior movimentação/exploração infantil, sendo mais um fator que prejudica um bom trabalho, visto que um bom espaço externo, preferencialmente amplo, seria o mais apropriado para a concretização de aulas de recreação, visto a Educação infantil gonçalense não ter Educação Física em seu currículo oficial.

Na escola Arca de Noé, as salas são pequenas e uma sala de aula ainda tem a função de brinquedoteca e espaço de recursos visuais (TV e DVD), portanto a professora precisa “disputar” com os brinquedos, a atenção das crianças para dar aula.

É importante uma escola possuir brinquedoteca, porém, defendemos que a brinquedoteca se organize em um espaço adequado à esta função, visto que este ambiente pode proporcionar as crianças uma aprendizagem de forma natural e agradável através de jogos e brincadeiras, que por sinal são importantíssimos, visto que permitem as crianças a exercitar suas habilidades e criar situações com seus pares nas quais são ricas em aprendizagens sociais, possibilitando aos grupos se prepararem para situações como ganhos, frustrações, companheirismo e conflitos que os auxiliarão na sua formação e desenvolvimento individual e coletivo.

A brinquedoteca não é um mero passatempo, ela atua como um espaço muito significativo para o ato de brincar, pois através de atividades dirigidas ou livres a criança representa seus desejos, fantasias e/ou sua realidade através do faz-de-conta. Fazendo assim um resgate ao direito da criança de “ser criança”, levando em conta que a nossa atual realidade “sobrecarrega” o pequenino de jogos/brinquedos eletrônicos que pouco possibilita o seu acesso à criação, à produção inventiva.

Na brinquedoteca através do desenvolvimento lúdico, pode-se fazer com que as crianças usem sua criatividade, sua imaginação e reforce o significado da convivência com outras crianças, sendo, portanto um leque de oportunidades para ações educativas. A brinquedoteca é muito importante no trabalho da escola, pois, segundo Sarmiento:

“a ludicidade constitui um traço fundamental das culturas infantis. Brincar não é exclusivo das crianças, é próprio do homem e uma das suas atividades sociais mais significativas. Porém, as crianças brincam, contínua e abnegadamente.

Contrariamente aos adultos, entre brincar e fazer coisas sérias não há distinção, sendo o brincar muito do que as crianças fazem de mais sério.” (2004, p.25)

Assim, através da valorização do brincar e das atividades lúdicas, podemos transformar o espaço da brinquedoteca, em um local em que tudo convida a sentir, a experimentar, a explorar, a investigar...

A brincadeira é de suma importância para as crianças, portanto devemos considerá-la como a linguagem máxima de toda criança, pois favorece a auto-estima das mesmas, além de desenvolver o raciocínio e a psicomotocidade.

Portanto, se for bem aproveitada na escola, a brinquedoteca poderá contribuir (e muito) para a socialização e auxílio nas construções de valores éticos e morais, ampliando a capacidade de interação inter-grupal.

Em nossa concepção, a sala onde o espaço será usado como brinquedoteca, deve possuir móveis que facilitem o acesso aos brinquedos, e espaços para brincar, porém na escola Municipal Arca de Noé, esta configuração visual e espacial não ocorre, já que a pequena sala que mistura uma sala de aula com brinquedoteca, não comporta nem móveis adequados para uma sala de aula, nem tampouco para uma brinquedoteca, o que dificulta a realização de um bom trabalho para as três funções do ambiente. Digo três porque é nesta sala que também se encontra a TV e o DVD, sendo utilizada também como sala de áudio visual.

Deste modo, compreendemos que este espaço é um excelente recurso pedagógico se for bem utilizado, pois é interessante para introduzir um novo assunto, como na vez que utilizamos um filme do Cocoricó “chuva, chuveiro e chuveiro” para dialogarmos sobre a água e avaliamos o que foi aprendido pelas crianças através do mesmo, proporcionando-as voz e construção de conhecimento coletivo. Este recurso faz despertar a curiosidade e a motivação para novos temas, por isso é importante conversar sobre as cenas e deixar que os alunos se expressem

Ressalto aqui o constante rodízio entre as turmas para que todas possam utilizar os poucos recursos que a escola disponibiliza.

O pátio também é usado como “sala de aula”, possuindo então inúmeras funções, e apenas ele podemos considerar com um espaço razoavelmente grande, visto que as outras dependências são pequenas, e é necessário um rodízio entre as turmas para que todas utilizem os três ambientes, pois o pátio podemos chamá-lo

de “um ambiente multifuncional”, visto que ele é usado como sala de aula, refeitório, recreação e sala para reuniões.

Neste espaço, tive varias oportunidades de observar como os grupos em diferentes faixas etárias se interagem e aos que possuem mais afinidades chegam a compartilhar materiais trazidos de casa como, por exemplo, a maquiagem, tal como aconteceu em um dia de pesquisa na qual eu estava esperando no pátio o início das aulas começarem, e as crianças estavam chegando , quando um grupo de meninas se formou em volta da mesa para que uma delas passassem batom em todas as presentes. Considero esta observação ser muito importante, visto que a vaidade já esta sendo despertada muito cedo, pois as crianças já se interessam pelos cuidados com a aparência, sendo que hoje em dia, os grupos assumem uma importante responsabilidade para este despertar, e as crianças que acabam tendo influência em casa, as transmitem na escola como foi este o caso.

A escola possui dois turnos: manhã e tarde com três turmas cada um, possuindo este ano um total de 120 alunos

2.2:A ENTRADA NO CAMPO: Construindo relações éticas com as crianças.

Na apresentação da pesquisa e descrição do trabalho de campo, faz-se necessário tematizar a minha entrada no campo, por concordar com Roger Bastide, quando ele faz a seguinte afirmação: “*Para poder estudar a criança é preciso tornar-se criança. Quero com isso dizer que não basta observar a criança de fora(...)*”(apud FERNANDES, 2004 p.195). Temos que observar e entender o ponto de vista das crianças ver por dentro, aprender a ouvi-la realmente e buscar compreender as suas lógicas, a sua forma de perceber o mundo bem como potencializa e processa informações e respostas para as suas inquietações.

Portanto, procurei em todo momento em que estive no ambiente escolar, observar as crianças para compreender seus comportamentos nos seus próprios grupos sociais, tentando diminuir ao máximo possível a distância física, social e cognitiva entre mim e os alunos.

As crianças parecem não ter autonomia de escolher os colegas de turma, seus professores, seu horário de escola ou a sua instituição de ensino, mas aos poucos eles começam, a partir do contato diário, criar um ambiente de amizade e de

compreensão comum para com os que os cercam e a formar os seus grupos de pares a partir de afinidades comuns, e este fato os leva, especialmente na educação infantil, a iniciá-los na vida social, pois começam a imitar os comportamentos costumeiros introduzindo-se no sistema de valores da sociedade em que estão inseridos, desenvolvendo também a consciência grupal. Desta forma, a escola deve propiciar constantemente um ambiente afetivo para que ela se desenvolva plenamente.

E estes valores começam a se formar muito cedo, portanto é necessário observar estes traços de aquisições, porque poderão ser úteis no futuro, então podemos considerar que: “(...) *os grupos infantis são verdadeiros grupos de iniciação á cultura vigente e se apresentam com uma real antecipação á vida do adulto*” (Fernandes, 2004 p.232)

Por acreditar que as crianças são *atores sociais plenos*, e segundo Corsaro (2003) são capazes de apropriar, reinventar e reproduzir culturas e até mesmo modificá-las, ele considera de suma importância o processo de socialização, ou seja, do coletivo, por que são capazes de compartilhar, negociar e até mesmo criar culturas, seja com os adultos, seja com os seus pares.

E muito mais fácil e cômodo considerar a criança como um “*papel em branco*” e moldar conforme a vontade do professor, do que realmente fazer com que o processo ensino/aprendizagem se de através do dialogo e da necessidade dos educandos para que assim estes sejam efetivamente sujeitos do seu próprio conhecimento, ou seja, agentes ativos do processo de construção do conhecimento em suas diferentes etapas.

E durante minha observação pude constatar que quando as crianças estão brincando elas obedecem às regras impostas na brincadeira de uma forma espontânea e até corrigem se necessário às outras crianças para que também as obedçam, visto que não imposições por parte dos adultos, logo podemos concluir que o processo de socialização é necessário para o desenvolvimento e a continuidade de uma sociedade.

Pude observar um pouco dessas questões, ao complexificar o primeiro contato da criança em sua entrada pela primeira vez na escola. Este primeiro contato pode gerar uma série de ansiedade tanto para ela e a família, como para os professores. Uma das possíveis soluções para oferecer maior segurança seria uma entrevista para a instituição conhecer melhor a criança e seus hábitos, pois por estar

em um ambiente diferente do familiar, a criança pode apresentar comportamento diferentes, portanto, é necessário estabelecer uma relação de confiança com a família. E para os professores em especial possibilita saber como serão as crianças que irão trabalhar, saber com quem elas convivem e qual o significado da escola para as crianças e para os pais.

“a entrevista de matrícula pode ser usada para apresentar informações sobre o atendimento oferecido, os objetivos do trabalho, a concepção de educação adotada. Esta é uma boa oportunidade também para que se conheça alguns hábitos da criança e para que o professor estabeleça um primeiro contato com as famílias.”(RCNEI,1998 ,p.80)

Assim, entendemos que a tarefa educativa exige, torna necessário conhecer a criança, já que o conhecimento cada vez maior é o básico para compreendê-la, saber pouco mais sobre a sua vida, seu modo de viver, as coisas nas quais ela crê, compreendendo a cultura na qual ela está inserida e se mostrando disposta a lhe mostrar novas outras culturas.

Mais como fica a criança? O que será que vem a mente do pequenino aluno? Ao folhear um livro didático “Pedagogia da Alegria” da autora Tânia Dias Queiroz, encontrei esta pequena alusão que parece encaixar perfeitamente a estas perguntas. Chama-se “carta do aluno”, carta esta que reproduzo a seguir:

Carta do aluno

Sou pequena ainda e tenho muito medo. Nem sei do que tenho medo, mais me assusta ficar longe de minha mãe. Olhe pra mim, professora, olhe para meus olhos-estão apertados, ansiosos. Quem é a senhora? Vai me tratar como minha mãe e também vai me ensinar a ler? A senhora me pega no colo? E se eu quiser fazer xixi? Posso ir o banheiro como faço lá em casa ou preciso pedir? Não vou pegar nada emprestado de ninguém...

Professora, me ajude. Quem sou eu agora? Aqui eu não sou seu filho. Sou aluno, mais tem tantos outros alunos... Como a senhora vai conseguir cuidar de todo mundo? Minha mãe fica doidinha lá em casa quando eu brigo com meus irmãos. Será que a senhora vai me agüentar? Vai me colocar de castigo?

Eu tô com medo

São várias angústias e anseios que precisam ser trabalhados na educação infantil. Mais será possível tirar o medo dos alunos? É possível desenvolver uma relação dialógica com eles? Tudo isso vai depender do olhar do professor, da relação construída entre educador/educando no compartilhamento de saberes e experiências. Desta forma acreditamos que o projeto político-pedagógico da Escola deve investigar as falas infantis intercambiando vivências e observando como as crianças vêem o mundo, desta forma acreditamos que o papel da escola não é apenas transmitir o saber científico, mas também exercer influência no desenvolvimento das relações afetivas.

Pensamos, a partir de nossa inserção no campo que a criança que vive sendo criticada e com maus tratos aprende a condenar e a brigar, porém se a criança é estimulada, valorizada sendo bem aceita no seu convívio social, aprende a confiar, valorizar, aprende a ser justa e a respeitar.

2.3: A importância do professor como mediador para o desenvolvimento da criança na educação infantil individualmente e com seus pares .

“O momento histórico e científico em que vivemos causa muitos embaraços aos professores, intelectuais e pesquisadores que têm na educação não apenas um campo de estudos e investigação, mas também um compromisso com a melhoria da realidade social e educacional.” (BARBOSA,2006 ,p.17)

A professora da infância exerce um papel de suma importância para o desenvolvimento físico, emocional, cognitivo, corporal, social e afetivo da criança, devendo ter em mente que os educandos sentem, pensam, compreendem e reconhecem o mundo de uma forma própria, e que elas constroem os seus conhecimentos a partir da socialização com as outras pessoas que as rodeiam.

Desta forma, compreendemos que o ato de educar é propiciar uma parceria envolvendo respeito e amizade para que as crianças também sejam responsáveis pela organização dos materiais, dos jogos e do espaço e também propiciar um ambiente para que o educando seja valorizado e desenvolva suas capacidades criando um vínculo entre educando e educador.

Em um desses vínculos é o ato de ouvir a crianças, lhe dedicar tempo para um verdadeiro diálogo, fazer perguntas, incentivar a criança a falar, a expressar sua opinião, a expor suas idéias a deixar transparecer suas emoções pessoais.

“interessar-se sobre o que a criança sente, pensa, o que sabe sobre si e sobre o mundo, visando à ampliação deste conhecimento e de suas habilidades, que aos poucos a tornarão mais independente e mais autônoma”. (RCNEI,1998 p.25)

Em relação à cultura de pares, que para Corsaro:

“É um conjunto de atividades ou rotinas, artefactos, valores e preocupações que as crianças produzem e partilham na interacção com os seus pares.”(1997p.114)

Cabe ao professor estimular a formação dos grupos, mesmo que estes se formem naturalmente vinculados a algum atributo comum, criando maneiras para que haja interação não só criança da mesma idade (turmas) mais com diferentes idades, propiciando,

“situações de conversa, brincadeira ou aprendizagens orientadas que garantam a troca entre as crianças, de forma a que possam comunicar-se e expressar-se, demonstrando seus modos de agir, de pensar e de sentir,em um ambiente acolhedor e que propicie a confiança e a auto-estima.”.(RCNEI,1998 ,p.31)

Através de seus pares é que as descobertas são socializadas, ocorrendo o desenvolvimento nestas conversas de interação social, pois o ato de ouvir outra criança, o aluno aprende a conviver e a relacionar-se com o novo e com a diversidade. Por meio dos pares, vários valores poderão ser desenvolvidos como, por exemplo, valores éticos, o respeito ao outro, a solidariedade e o respeito às diferenças.

Portanto, a amizade na infância deve ser considerada fator fundamental para a ampliação social da criança, sendo então um grande recurso positivo para o seu processo de socialização e esta relação poderá até se perdurar ao longo de sua vida.

E as nossas conversas informais com os sujeitos da pesquisa, ou seja, as crianças, podemos perceber que elas gostam de estar na escola e um dos maiores fatores positivos são o fato de terem a oportunidade de conhecer novas crianças e assim possuírem diferentes amigos.

E a professora pode propiciar meios para ajudar as crianças a serem mais independentes com seus pares e que eles sintam que são levados a sério, percebam que sua professora e os demais envolvidos em seus processos de aprendizagem confiem neles, para que eles mesmos confiem em si próprios e se sintam compreendidos e respeitados.

Mas, infelizmente ainda no nosso país, existem profissionais que atuam na educação infantil que não possuem adequada formação, indo contra a LDB, título VI, art.62:

“A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal”(LDB,1996)

Esta falta de formação propicia uma baixa remuneração e desvalorização ate mesmo dos profissionais formados, porem apenas estar de acordo com a LDB não é o suficiente, faz-se necessário também que estejam comprometidos com a educação e em constante processo de estudos e reflexões sobre sua prática.

As reflexões constantes são de suma importância para propiciar um ambiente em que os pares se desenvolvam melhor e evoluam coletivamente, oferecendo-os lições que os ensinem a conviver com os outros respeitando os temperamentos, culturas, costumes, hábitos etc.

Outro fator dificultador, principalmente na educação infantil pública, é a falta de uma auxiliar de professora para ajudá-la a recepcionar as crianças, cuidar da higiene e asseio pessoal, auxiliar na execução de atividades pedagógicas, preparar material didático adequado as atividades a serem desenvolvidas, acompanhar o processo de aprendizagem das crianças e, quando detectar a existência de problemas, comunicar a professora regente.

Entretanto todas estas tarefas acima ficam a cargo da professora sobrecarregando-a, e quanto maior for o números de alunos na turma, maior a

dificuldade em realizar um boa atividade, fato este que também ocorre na escola que foi realizada minha pesquisa.

As professoras não contam com a ajuda de auxiliares e todas as tarefas ficam a cargo dela. Porém, com o projeto da universidade, podemos perceber que algumas delas realmente possuem um comprometimento com a profissão e mesmo com a falta de muitos recursos, podemos observar o desejo de aperfeiçoamento da profissão e manifestação do interesse pela melhoria da educação. Tanto que elas compareciam as reuniões quando convidadas e interviam nas nossas atividades quando necessário.

Para ilustrar minha afirmativa, relato uma intervenção que foi bastante produtiva tanto para o projeto, quanto para às crianças :

As três turmas estavam juntas no pátio, e após a entrega dos crachás, foi dada a continuidade de a uma tarefa já realizada para que as crianças percebessem a importância de ter um nome e com o nome e um patrimônio e também um direito, contamos a historia de LENO,o peixinho esperto²

Leno o peixinho esperto.

No meio do oceano Atlântico vivia um alegre peixinho chamado Leno .

Ele adorava aproveitar as maravilhas do mar. Porém, certo dia, ele estava nadando quando de repente ele sentiu uma pancada na cabeça, a olhar o que era ,viu que se tratava de uma garrafa pet vazia.

Nesse instante, ele se deu conta de como o oceano estava poluído. Eram muitas garrafas, copos de Guaravita, plásticos em geral, até vidro tinha.

Leno, então, teve uma idéia reuniu todos os habitantes do mar para que juntos encontrassem uma solução para o lixo. Eles perceberam que no mar aqueles objetos não tinha serventia, mas eles podiam criar formas para que os homens reutilizassem esses materiais e não jogassem mais em rios, mares e oceanos.

E foi assim, que Leno e seus amigos transformaram garrafas e outras sucatas em objetos muitos legais. A partir do momentos que os homens aprenderam que podem criar muitas coisas de sucatas, eles compreenderam que não deveriam mais jogar o lixo no mar, pois os peixinhos e outros animais que vivem ali podem acabar morrendo.

² Texto produzido pela bolsista Alessandra Abreu, estudante da UERJ/FFP e participante do projeto:“Os pequenos e seus direitos”.

As crianças estavam muito envolvidas com o enredo da história e traziam informações enriquecedoras sobre a poluição dos mares, pois estavam associando os seus conhecimentos prévios com o que estavam aprendendo naquele momento.

Logo depois contamos outra historia sobre o primo do Leno que ficou doente ,visto que tinha comido lixo. E para envolvê-los mais, alguns alunos como olhos vendados tentavam descobrir qual o objeto foi posto em suas mãos como por exemplo: latinha, garrafa pet, caixa de leite...

Em um caso, colocamos um desodorante rollon nas mãos de um aluno, e após alguns segundos analisando somente pelo tato, ele disse: “*e uma caixinha de passar aqui*” e levantou o braço para interpretar o uso do produto.

Logo após fizemos pergunta direcionadas alguns alunos sobre o material que é feito alguns objetos, exemplo: lata →alumínio, pote→plástico, embalagem→ papel e fizemos um belo cartaz com estas informações.

A professora este dia estava observando nossa atividade e foi ate o centro do pátio com um balde de água, e pegou um objeto de cada vez mergulhando-o no balde, para mostrar na prática que alguns objetos desmancham-se rápido como o papel e outros não, como a lata, a garrafa, o pote etc. esta demonstração nos fez voltar ao assunto da durabilidade de alguns objetos, ou seja, quanto tempo leva para o lixo desaparecer, os alunos ficaram prestando muita atenção e responderam todas as perguntas sobre o assunto. Esta intervenção foi excelente, pois proporcionou um final extra para o nosso planejamento, reafirmando uma parceria entre universidade/escola, no qual os alunos tem muito a ganhar.

E importante ressaltar que além do componente afetivo entre os alunos, a relação educador/educando, também deve ser regada com ternura para criar um clima de alegria e assim poder colher frutos que é aprendido mais fácil desenvolvendo todas as suas múltiplas habilidades.

2.4: As crianças como sujeitos da pesquisa

Durante minhas visitas à escola pude perceber um entrosamento afetivo forte entre os crianças como, por exemplo, quando estava na sala de aula realizando uma atividade da pesquisa com a turma, uma aluna me pediu para ir ao banheiro

junto com a coleguinha e argumentou que lá tinha “dois vasos” portanto poderiam ir juntas. Este é um dos vários momentos que os pares se manifestam.

Porém, é na hora da entrada que mais pude perceber a formação dos pares, pois é o momento em que todas as turmas se misturam, se socializam, onde logo aparece o “líder”, ou seja, o aluno no qual outros imitam.

Esta é a hora em que correm, que caem, que se ajudam... por isso é importante que a instituição que ofereça a educação infantil possua espaço para que os alunos corram, brinquem, interajam e descansem e o na caso da Arca de Noé, este espaço fica restrito ao pátio.

Venho apresentando em minha pesquisa, que os estudos a cerca da infância e suas culturas ganharam força principalmente a partir da década de 90, como já foi citado anteriormente no primeiro capítulo, mas ainda há um longo caminho pela frente, caminho este que de fato leve em consideração a fala da criança, ou seja, sua historia oral e sua real interpretação do mundo, considerando-as como fonte de pesquisa que deve ser confiável e acima de tudo, respeitável. Porém os estudos são realizados a partir de um olhar do mundo adulto, de um ser “experiente” que escreve sobre as crianças, que geralmente não lhe dedica o necessário espaço para a voz do pequeno sujeito, pois “*a criança não escreve as própria história. A história da criança é uma história sobre a criança*” (Kuhlmann, 1998.p.30)

E este olhar nem sempre é neutro, pois a escrita de quem olha traz suas marcas, traz sua “bagagem” cultural e social. E com este fato podemos fazer uma analogia ao filme “Narradores de Javé, cujo o ator que fica encarregado de ouvir os moradores de uma pequena cidade para escrever a história da mesma, deixa isso bem claro em uma das suas falas ao afirmar que: “*a história é de vocês, a escrita é minha*”. Isto implica em admitir que na maioria das vezes, o pesquisador escreve da forma como ele interpreta, porém deve-se buscar uma maior aproximação entre as falas infantis e os estudos produzidos sobre elas e principalmente para elas.

E válido ressaltar que na sociedade moderna ainda exista varias “infâncias”, infâncias múltiplas, construídas em diferentes contextos sociais, mas este fato não as nega de se apresentar como única e merecedora de autonomia neste mundo tão complexo em que vivemos.

Nós, adultos educadores/pesquisadores devemos perceber e acreditar na sensibilidade das crianças, no olhar verdadeiro para as coisas nas quais as cercam,

e em suas diferentes maneiras de ver o mundo, mundo este cheio de movimentos, cores e formas. Construindo um espaço para que possam exercer sua voz e vez, indo além de serem meramente objetos de uma pesquisa, mas sim sujeitos sociais dela.

“A criança é modelada, é formada, também, através dos elementos da cultura infantil, pois estes elementos põem-na em contato direto com os valores da sociedade.” (FERNANDES, 2004, p.219)

O nosso olhar será bem mais produtivo para as nossas crianças se valorizarmos a importância do coletivo e as considerarmos realmente como produtoras dos processos de apropriação e reinvenção das culturas.

É negar ou esquecer o significado etimológico da palavra infância, que deriva do latim “infant” que significa “aquele que não fala” e/ou aluno que é formada pelo prefixo “a” e seguida pelo elemento que deriva do latim “luminis”, que significa o “sem luz”, proporcionando voz e luz para que as crianças sintam-se felizes na escola, compartilhando suas descobertas com seus grupos de pares, os auxiliando na construção de sua própria identidade sem correr o risco de ser podado de um dos adultos que não tenham como foco seus olhares, suas vozes e suas experiências.

Lembrando que “educar” “origina-se do vocábulo latino educere, que significa “ajudar a levantar”, podemos então, educar no sentido mais amplo da palavra.

Devemos nós, pesquisadores, professores, pais... Sempre termos em mente que os nossos futuros adultos já são capazes de interpretar a sociedade, os outros e a si próprio, de uma forma muito significativa e única, na qual participam efetivamente de sua própria socialização.

Uma questão sempre me inquietou ao longo da minha escrita monográfica: por que na maioria das vezes os educadores não consideram a cultura de pares como motivadoras do progresso escolar?

Se experimentarmos a propagação do cultivo dos ciclos de amizade e da alegria na escola, iríamos fortalecer e estimular a frequência escolar, proporcionando os jovens alunos sentirem prazer em cada dia de aula. Esta afirmação vai de encontro ao pensamento Einstein (*apud* Snyders) ao dizer que “A

arte mais importante do mestre é provocar a alegria da ação criadora e do conhecimento” (1993 P.23)

As crianças ao compartilharem experiências entre si e entre os adultos, desenvolvem trocas muito produtivas, se descobrirem capazes de expressar-se e de efetivamente participar de sua autoconstrução e exploração do mundo.

Pois,

“O aluno não está condenado a ser um simples consumidor da cultura, ele não recebe simplesmente a obra, mas a prolonga, a enriquece, acrescenta-lhe algo, faz nascer nela ecos que nunca haviam ressoado” (SNYDERS, 1993.p.114)

E uma das formas que podemos ajudá-los a “ressoar os ecos” e promover as relações de cunho afetivo que pode ser uma grande aliada a aprendizagem, pois a criança, principalmente na educação infantil aprende o que a cativa e se a atmosfera de uma sala de aula lhe parecer segura, o conhecimento é facilmente alcançado, através do afeto e de uma boa relação com seus pares, conciliando portanto o intelectual e o afetivo. Como nos afirma Snyders: *“A alegria na escola só é possível na medida em que o intelectual e o afetivo conseguem não se opor”* (1993.p.92)

Portanto, devemos produzir o ambiente escolar para que seja um lugar de interação, e realização de um trabalho prazeroso, nutrido de afeto mútuo, pois as crianças aprendem melhor interagindo com os outros. Então é de suma importância incentivar, estimular e encorajar a criança a envolver-se em grupos e a nós mostrarem suas marcas, seus sonhos, suas expectativas e desejos de vida, permeando sempre com afeto e “escuta sensível”

Enfim, buscar fazer com que o ambiente escolar seja construído de educadores e educandos que almejem juntos o caminho do sucesso escolar, sucesso coletivo e sucesso pessoal, em que seja comum frases de incentivo como: “você consegue”, “estamos juntos”, “vamos lá”, “unidos podemos mais e melhor”, como nos ensina Paulo Freire.

Capítulo 3: O ambiente generoso na Educação Infantil: Contribuições da Cultura de Pares.

Observando de forma acuidada o currículo de Educação Infantil, podemos perceber a ampla possibilidade para que a cultura de pares se estabeleça na Escola de Educação Infantil . Principalmente, em nossa concepção, se o currículo da escola se estruturar por projeto de trabalho.

Quando um grupo de crianças se reúnem para montar um quebra-cabeça sobre “os animais”, por exemplo, várias habilidades podem ser desenvolvidas, além da socialização e do trabalho grupal , com a resolução de problemas e o raciocínio lógico-matemático. Ao conversarem entre si e com os professores que possibilitam momentos de debate, a comunicação é desenvolvida e a confiança em se expressar se concilia.

Em nossas escolas precisamos, como nos ensina Paulo Freire(2004), contribuir para que às crianças possam expressar a sua curiosidade e sua forma ativa de pensamento sobre e com o mundo que as cerca , sendo mediadoras, contribuindo para a aprendizagem e não apenas de modo a transmitir os conteúdos, dando ênfase na exploração e na descoberta para que os alunos não retenham os conteúdos sem incorporar uma visão crítica do mundo, mas tenham uma apropriação e uma complexa compreensão dos temas aprendidos, bem como o desenvolvimento do pensamento e da curiosidade epistêmica, fundamental para a ampliação de seus conhecimentos, principalmente, na escola de educação Infantil.

Contudo, isso deve ser feito a partir de ligações afetuosas entre a professora da infância e as crianças, num “ambiente generoso” e acolhedor.

“Todos sabemos que, para o aluno, o conhecimento é trazido pelo afetivo, ele aprende realmente bem o que o cativa, numa atmosfera de aula que lhe parece segura, com um professor que sabe criar afinidades. Eis porque a escola ao mesmo tempo tem necessidade de conciliar o intelectual e o afetivo, e constitui um local privilegiado para operar essa conciliação. A alegria na escola só é possível na medida em que o intelectual e o afetivo conseguem não se opor” (Snyders,1993, p.92)

Com o afeto e o conhecimento caminhando juntos, o aprendizado ocorre de maneira mais fácil e agradável para todos, estimulando as crianças a desejarem ir à escola, a buscar novas respostas para as renovadas perguntas que estão sempre fazendo, além de interagir com seus pares.

E quanto mais a escola oferecer formas para a ampliação das amizades e dos afetos inter e intra-grupal, mais cedo as crianças terão desenvolvendo a consciência grupal e os valores sociais, com afirma Florestan Fernandes:

“Os grupos infantis se apresentam como verdadeiros grupos de iniciação, introduzindo os imaturos no sistema de valores da sociedade, isto é, iniciando-os na vida social.” (Fernandes,2004, p.231)

Desta forma, cada vez mais se faz necessário buscarmos fazer desde a Educação Infantil um espaço em que as crianças tenham oportunidade de terem os seus direitos respeitados, e que os *direitos de participação* estejam em pratica permanente.

“A noção de socialização na sociologia do infantil estimula a compreensão das crianças como atores capazes de criar e modificar culturas, embora inseridas no mundo adulto. Se as crianças interagem no mundo adulto porque negociam, compartilham e criam culturas, necessitamos pensar em metodologias que realmente tenham como foco suas vozes, olhares, experiências e pontos de vistas.” (,Delgado & Müller2005, p.353)

Portanto, ao planejarmos uma aula temos que estar atentos se o *direito de participação* terá espaço. E que tenha diálogo e um compartilhamento de saberes, possibilitando que a vida escolar (fundamentalmente coletiva) das crianças seja um processo contínuo, e não apenas em poucos momentos dentro da escola, levando realmente em conta a criança como sujeito social, com plenos direitos e deveres a serem apreendidos coletivamente.

Então é possível considerar a cultura de pares como motivadores do processo escolar?

Podemos dizer que sim, visto que a escola além da aprendizagem e da educação, ela nos proporciona a contruir amizades. Fazemos amigos , construímos afetos e formas amistosas de sociabilidades, que poderão nos impulsionar no desejo de ir a escola todos os dias. Portanto, construir uma convivência fraterna e respeitosa entre as crianças , e também entre crianças e professores, permitirá que caso aconteça algum problema, será mais fácil a criança contar (desabafar), o que poderá levar a uma solução, ou busca dela, de forma mais ágil.

Mesmo a escola sendo uma instituição que possui suas regras e normas, nossos atores sociais buscam encontram meios para se adaptarem e modificarem quando necessário ou quando lhe permitem a “voz”. Mas como os professores compreendem e lidam com a amizade entre as crianças?

Cabe a nos, educadores, não termos uma visão estereotipada de que todos os alunos são iguais, mas devemos reconhecê-los como únicos, possuidores de valores e desejos próprios para explorar as experiências vividas dando sentido a cada ensino compartilhado a turma e contribuindo em constantes inovações no processo ensino/aprendizagem, possibilitando que as afinidades se unam com diferentes grupos sociais, para que o ambiente escolar propicie diversão, criatividade e a ampliação do universo cultural.

Devemos ter uma constante avaliação de como estamos educando e como estamos contribuindo para o desenvolvimento da cultura de pares na escola , visto que o ambiente escolar influencia, e muito, a forma como as crianças vão interpretar e buscar soluções para os próprios conflitos.

“Entende-se que é através do convívio escolar que as relações interpessoais, antes restritas ao contato familiar, ganham força e que ao ingressar na escola novos direitos e deveres são adquiridos e a criança passa a compreender sua nova posição social e a ser mais valorizada, adquire novos conhecimentos e estabelece novas relações sociais .”(Hamdan,1998)

Portanto, as relações de amizade são um dos fatores mais importantes para o desenvolvimento de socialização da criança e a escola pode ser um dos principais espaços desse relacionamento, sendo também mediadora para a inserção no convívio social mais amplo, rumo a conquista da autonomia e da construção de cidadania . Daí a importância do espaço escolar ser um ambiente generoso e

bastante acolhedor para que todos sejam tratados e respeitados sem nenhum tipo de discriminação racial , de classe , de gênero econômica e/ou cultural.O ambiente generoso que a escola de Educação infantil deve perseguir em seu cotidiano, não pode prescindir da “cultura de pares”, compreendendo que as crianças em seus processos de desenvolvimento e conhecimento podem ser parceiras e protagonistas privilegiadas das professoras da Infância . A nossa observação e vivência no cotidiano da escola Municipal Arca de Noé nos possibilitou compreender e problematizar a cultura de pares, entendendo-a como uma ferramenta teórico-prática de produção curricular e construção de conhecimentos.

Conclusões provisórias e algumas palavras finais

Muitos pensam que sabem; poucos sabem que não sabem, quem sabe, sabe que sabe muito pouco. (Canalini, [19--?])

Neste momento final da escrita monográfica, venho compreendendo através das orientações, leituras e, principalmente, a partir do trabalho cuidadoso da pesquisa de campo, alguns dos vários desafios que nós educadores precisamos enfrentar na busca de uma educação infantil de qualidade. Na realização deste trabalho monográfico, pude compreender a real importância de ouvir e conhecer nossa crianças, bem como os processos históricos e culturais, que ao longo do tempo vem atravessando a concepção de infância, transformando-a. No desenvolvimento de meu trabalho, pude aprender mais sobre os diferentes interesses em conflito na educação das crianças, compreendendo, sobretudo, que o crescimento dos estudos nesse campo, não implica necessariamente, a melhoria concreta dos serviços e atendimentos voltados à infância e a sua educação.

Em nossa pesquisa, podemos compreender logo nos primeiros momentos, as modificações sofridas pela família e pela sociedade que ao longo dos anos criou diferentes normatizações e leis para proteger as crianças, embora, infelizmente, muitas dessa legislações ainda não estejam sendo cumpridas devidamente.

Nesse sentido, a experiência obtida na Escola Municipal Arca de Noé possibilitou-me uma melhor preparação para compreender como a organização do espaço escolar pode influenciar na produção do sucesso escolar das crianças, e como o trabalho curricular por projetos pode ser mais significativo para elas, pois como as mesmas sempre trazem informações novas, a pedagogia de projetos proporciona que estas informações possam ser compartilhadas com os demais, criando um ambiente em que todos aprendem, inclusive a professora.

“ A pedagogia de projetos de aprendizagem procura evitar que a aprendizagem se torne algo passivo, puramente verbal e teórico, e, por conseguinte, desinteressante, abrindo o maior espaço possível para a participação ativa das crianças, dos adolescentes e dos jovens, não só na concepção e na elaboração dos projetos, mas também na sua implementação e na sua avaliação, pois a participação dos aprendentes nos projetos não só os motiva (por estar relacionada com seus interesses) como torna a sua aprendizagem ativa e significativa – um real fazer mais do que um mero assimilar.” (Chaves, 2001)

Em todas as nossas idas na escola sempre tive como objetivo, colocar os alunos como autores e sujeitos do mundo sem homogeneizá-los, procurando valorizar as relações sociais e interacionais, buscando evitar injustiças que, em meu “olhar interessado”, contribuísse para compreender a escola como local de ampliação de experiências culturais e epistêmicas.

A relação afetiva é um dos aspectos educativos de vital importância, pois a escola deve ter como horizonte comum, a produção de fortes laços de amizade que possa, além de integrar toda a comunidade escolar, produzir uma auto-estima positiva nos sujeitos escolares, auto-estima esta, que é essencial ao fortalecimento das subjetividades infantis. Através dos estudos e aprofundamento teórico, pude compreender que não devemos ressaltar o individualismo, mas o respeito pela individualidade e o respeito pelo grupo, pois as relações de cooperação são vitais para o desenvolvimento contínuo do conhecimento, sempre introduzindo no mundo da prática, educando-os para desde cedo utilizarem os novos conhecimentos construídos na escola e fora dela.

Por isso é importante compreender o processo histórico para compreendermos melhor as situações presentes, visto que a referência à infância, podemos dizer baseado em Philippe Ariès (1981), é uma concepção moderna, construída historicamente em um longo processo social e cultural.

Passa-se então a valorizar a criança, antes sem direitos e a família possuidora de responsabilidades na educação dos “pequenos” e mostrando-se mais afetiva. Estas práticas sociais passam a enfatizar os elos entre família e escola, contribuindo para que a criança não mais seja vista como “adulto em miniatura”, e como tal aja e participe de festas, atividades e conversas que atualmente, de um modo geral, apenas adultos participam.

Ressalto mais uma vez a importância do profissional da educação sempre ser pesquisador para que a sua visão seja bem mais ampla no seu contexto formativo, visto que, infelizmente ainda, a questão do ênfase em atividades que valorizem as experiências pessoais e capacidade de tomar decisões infantis, construindo a autonomia e promovendo o crescimento tanto individual como coletivo da criança, ainda não é prática corriqueira no cotidiano de nossas escolas. A incapacidade social e cultural da criança ainda é visto como “natural” na cabeça de

muitos professores/as , sendo que alguns ainda teimam em praticar uma “educação bancária”, que como nos diz Paulo Freire (2004), apenas aposta na transmissão do conteúdo pedagógico.

Porém, mudanças estão ocorrendo nas práticas escolares, especialmente, ao que podemos denominar de “culturas da infância(s). Deste modo, em meu trabalho monográfico procurei relacionar a unidade dialética teoria e prática, tendo como campo investigativo , a escola Municipal de Educação Infantil, Arca de Noé, no município de São Gonçalo, no Estado do Rio de Janeiro.

Percebemos que ainda o caminho é muito longo para atingimos uma educação com igualdade, promovendo todos os direitos previstos na Constituição Brasileira (1988) , no Estatuto da Criança do e Adolescente (ECA) (1990) e na Lei de Diretrizes e Bases, nº 9394/96 (LDB), pois “ *há várias infâncias dentro da infância global, e a desigualdade é o outro lado da condição social da infância contemporânea*” (Sarmiento, 2004, p.06)

Todos os encontros realizados na escola, nos fizeram entender como as culturas infantis se formam no cotidiano escolar e como uma pedagogia por projetos pode auxiliar para que os pequenos obtenham uma educação mais cidadã, construindo uma metodologia que interligue e dê sentido a prática pedagógica com a teoria que a informa , buscando sempre proporcionar um ambiente de amizade e de generosidade, partindo sempre de uma relação dialógica e de criação de vínculos afetivos para que as crianças conheçam progressivamente suas potencialidades, auto estima, interação social e capacidade expressiva, articulando seus interesses e pontos de vista com os demais para aprenderem a respeitar-se na diversidade desenvolvendo atitudes de ajuda e colaboração.

Quando a criança entra na escola, ela é exposta a uma grande quantidade de novidade, portanto necessita de apoio, é e esta hora que entra a importância da amizade e como diz a sociologia “ *o ser humano não consegue viver sozinho*”. Nós criamos e nos tornamos amigos do latim “amicus” que possivelmente derivou-se de amore; amar.

Nesse sentido, esta escrita monográfica objetivou não apenas cumprir com as exigências acadêmicas para término do curso de Pedagogia. Ela , a monografia me desafiou a conhecer melhor as crianças , e a as práticas pedagógicas numa escola de educação infantil . Procurei trabalhar com o conceito de “Cultura de pares”, buscando não somente, o conhecimento teórico do termo, mas,

especialmente, compreender como no cotidiano escolar, as crianças criam e recriam modos de relacionamento e práticas sociais mais favoráveis ao diálogo e a interação humana . Somos seres relacionais, precisamos do contato permanente com o outro(s) para nos tornamos “pessoas no mundo”. Assim, espero que a minha monografia possa contribuir de alguma forma para ratificar a importância da criação de ambientes generosos na educação das crianças. As escolas da infância devem procurar instaurar ambientes ricos e propícios para o desenvolvimento de laços de amizade entre os diferentes sujeitos escolares, tanto entre adultos e crianças, como entre crianças e crianças. Ao procurar conhecer um pouco mais o conceito de “cultura de pares”, espero ter contribuído para reforçar a importância de reconhecermos as crianças como “sujeitos de direitos” (TAVARES, 2008) e criadoras de Culturas (SARMENTO, 2006), condições político e epistêmicas fundamentais para o trabalho educativo com a infância. Espero que o meu trabalho longe de ser prescritivo, possa contribuir mesmo que de uma forma singela para pensarmos (e praticarmos) uma educação infantil voltada para o crescimento pessoal, social, cultural, enfim para uma formação integral da criança, acreditando que a escola pode ser um locus fundamental para o desenvolvimento de projetos pedagógicos que não abdicuem da alegria e do compromisso com a construção e a difusão do conhecimento. Será esta escola possível? É possível esta escola? Acreditamos que sim. O trabalho na escola Arca de Noé nos ofereceu pistas inequívocas que uma “escola possível” , é fruto de trabalho coletivo e de muita reflexão sobre o “fazer cotidiano”. Precisamos aprender mais com nossas práticas, “virá-las do avesso”. Aprender mais com nossos erros, reconhecer que se tornar uma “professora reflexiva”, pesquisadora de nossas práticas não é uma doação caridosa . Aprender a tornar a realidade matéria prima de nossa indagações exige muito trabalho. Trabalho compartilhado. A monografia aqui apresentada é um pequeno fruto deste trabalho. Esperamos que ela possa ser lida e discutida por todos aqueles que como eu, acreditam no diálogo e na formação humana como um processo de (auto)conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANDRADE, P. P. *Lendo o espaço para compreender a escola: Um estudo sobre alfabetização patrimonial na Educação Infantil*, 2008. Mimeo.

ARIÈS, P. *História social da Infância e a família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

BARBOSA, M. C. S. *Por amor e por força: rotinas na educação infantil*- Porto Alegre: Artmed,2006

BONONINO, L.L. *Histórico da educação física*. Futura, Imprensa Oficial, 1931.

BUFALO, J.M.P. *Creche: lugar de criança, lugar de infância*. Um estudo sobre as práticas educativas em um CEMEI de Campinas/SP. 1997. Dissertação (mestrado) - Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

_____. Ministério da Educação e do Desporto.Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. MEC/BRASIL,1998.

_____. Ministério da Educação e do Desporto/ Câmara de EducaçãoBásica do Conselho Nacional de Educação – Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil –ASSA, Regina Alcântara de. (Relatora-conselheira). Parecer nº022/98. Brasília,1998.

CHAVES,Eduardo. *A Pedagogia de projeto de aprendizagem*. São Paulo,2001.

CORSARO, Willian A. *A entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas*. In: Educação e Sociedade 91, São Paulo: Cedes, vol. 26- maio/agosto,2005.

DELGADO A. C. C & MULLER F. *Dossiê: Sociologia da Infância: Pesquisas com Crianças*. In: Educação e Sociedade 91, São Paulo: Cedes, VOL.26- MAIO/AGOSTO, 2005.

FERNANDES, F. *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo*. São Paulo: Martins Fontes,2004.

FONTES, R. Criança. *Revista Presença Pedagógica*, v.11, n.61, p. 03-05, jan./fev. 2005.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à Prática Educativa* 29.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

HAMDAN, Amer Cavalheiro. *Introdução à psicologia do desenvolvimento*. 1. ed. Campo Grande: Solivros, 1998.

HEYWOOD, Colin. *Uma história da infância: da idade Média à época contemporânea no Ocidente*. Porto Alegre: Artmed, 2004

KRAMER, Sonia. *A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce*. São Paulo, Cortez, 1992.

KUHLMANN J., M. *Infância e educação infantil: uma abordagem histórica*. PortoAlegre: Mediação, 1998.

QUEIROZ, Tânia Dias.. *Pedagogia da Alegria*,Ed: Didática Paulista,1999.

SANTOS, Almir Paulo dos. O Pensamento Pedagógico de Rousseau e a Educação na Infância. [S.l.: s.n., 200-]. 13 p. Disponível em: <http://www.pesquisa.uncnet.br/pdf/educacaoInfantil/PENSAMENTO_PEDAGOGICO_ROUSSEAU_EDUCACAO_%20INFANCIA.pdf>. Acesso em: 20 jun.2008

SARMENTO, M. J.. *Visibilidade social e estudo da infância*. In: VASCONCELLOS, V. M. e SARMENTO, M. J. Orgs. *Infâncias(In)visível*. São Paulo,2004.

SCLIAR, Moacyr. *Um país chamado infância*. São Paulo: Ática, 1995.

SNYDERS, Georges. *Alunos felizes: reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1993.

TAVARES, Maria Tereza Goudard. *Infâncias em periferias urbanas: textos, contextos e desafios para a formação de professoras da infância*. Rio de Janeiro: 2007, mimeo.

VASCONCELOS, Vera Maria R. *Formação dos Profissionais de Educação Infantil: reflexões sobre a experiência*. In: DIDONET, Vital (org). *Em Aberto – Educação Infantil: a creche, um bom começo / Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais*. V.18, n.73, Brasília, 2001. (98-120)